“Como te foram abertos os olhos?” (Jo 9,1-41): o processo pedagógico e dinâmico da construção identitária da comunidade de fé do Quarto Evangelho

Lucileide Cavalcante Silva[1]

Resumo

O texto de Jo 9,1-41 nos revela a figura tipológica do cego de nascença e evidencia o itinerário de fé dos judeus cristãos expulsos do convívio social da sinagoga judaica depois da destruição do Templo (70 d.C.) e das decisões do sínodo de Jâmnia (80 d.C.). O cego de nascimento torna-se o protótipo da comunidade joanina cega e excluída? Sua cura processual revela o processo pedagógico que levou a comunidade a autoafirmar-se e professar o Cristo vivo? O presente estudo visa demonstrar, a partir da perícope de Jo 9,1-41, o caminho que a comunidade joanina realizou: da cegueira à luz; da ignorância ao conhecimento do Filho do Homem, razão de fé da comunidade.

Palavras-chave: Judeus. Judaísmo formativo. Cego de nascença. Jesus. Comunidade joanina.

Introdução

Os evangelhos refletem o olhar de cada evangelista para a vida de Jesus no cerne de sua comunidade no final do primeiro século, tempo em que o evangelho foi escrito. Os pontos de vista cristológicos do evangelista passavam pela análise das fontes da história da comunidade no começo do século, especialmente, se as fontes usadas pelo evangelista faziam parte da herança comunitária (BROWN, 1999, p.15).

Para compreendermos o processo de ruptura da comunidade joanina narrada na metáfora do cego de nascença (Jo 9,1-41), é necessário, de forma breve, contextualizar o Evangelho segundo João.

[1] Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), graduada em Ciências da Religião pelo Instituto de Apoio ao Desenvolvimento da Universidade Estadual Vale do Acaraú (IADE/UVA). É pesquisadora do Grupo de Pesquisa Cristianismo e Interpretações. E-mail: lucileidecavalcante@yahoo.com.br.

1 Autoria, data e lugar da composição do Evangelho segundo João

A sequência dos fatos narrados no Evangelho segundo João, sua teologia e a escatologia vivenciada pela comunidade joanina tornam esse escrito um mundo novo de encontros e experiências com o Cristo (BEUTLER, 2015, p. 14).

O Quarto Evangelho apresenta-se com características especiais e com uma linguagem nova, que o difere dos escritos evangélicos. Além disso, há problemas que suscitam polêmicas em seu desenvolvimento no que diz respeito a autoria, a composição e a data do escrito e suas relações com os sinóticos (MALZONI, 2018, p.19).

O Evangelho segundo João se formou em uma comunidade que fez sua experiência com Jesus e passou por etapas redacionais, foi sendo interpretado e escrito. Essa comunidade, segundo Brown, deve ser considerada como autora desse Evangelho, pois também ela dá autoridade ao escrito (MALZONI, 2018, p. 28).

Não é fácil responder sobre a origem do Quarto Evangelho. Para situarmos a datação do surgimento do Evangelho, é importante relacioná-lo com os escritos sinóticos, pois, se o Evangelho segundo João é o mais tardio, é possível datar a redação final entre os anos 90 e 100 d.C. (BEUTLER, 2015, p. 29.). Também o lugar de origem do Evangelho segundo João continua objeto de discussão, no entanto, segundo o testemunho de Irineu, é provável que seja em Éfeso (BEUTLER, 2015, p. 33.).

2 Contexto histórico da comunidade joanina

Em sua obra, *A comunidade do Discípulo Amado*, Brown apresenta a vida da comunidade joanina em quatro fases (1999, p. 20). A primeira fase denominada "a era pré-evangélica" corresponde desde a metade dos anos 50 até o fim dos 80 e compreende as origens da comunidade e sua relação com o judaísmo da segunda metade do século I d.C. No período em que o Evangelho foi escrito, os cristãos joaninos tinham sido expulsos das sinagogas (9,22; 16,2), porque eles reconheciam Jesus como Cristo. Essa fase ressalta os conflitos entre os cristãos joaninos e os chefes da sinagoga.

A segunda fase intitulada "a vida da comunidade joanina" corresponde ao período em que a primeira redação do Evangelho foi escrito, aproximadamente 90 d.C. Nesse período, os cristãos joaninos já tinham sido expulsos e a perseguição continuava acirrada entre os cristãos e as autoridades judaicas. Nessa fase, destaca-se a relação da comunidade com o mundo pluralístico de crentes e não-crentes no final do século.

A terceira é a fase das comunidades joaninas divididas. Por volta do ano 100 d.C., as comunidades joaninas já estavam divididas por questões internas: dois grupos interpretam de forma inversa a cristologia e a práxis de Jesus. Nesse período, foram escritas as cartas joaninas.

Na quarta fase, acontece o rompimento dos dois grupos joaninos. O conflito interno se torna latente a ponto de gerar a separação completa dos dois grupos. Depois que as Cartas foram escritas, os ditos "separados" cortaram o vínculo com o grupo mais conservador e seguiram caminhos no docetismo, gnosticismo, cerintianismo e o montanhismo. Isso explica a expansão do Quarto Evangelho entre os heterodoxos e não entre os ortodoxos.

O dualismo conflitivo existente na comunidade joanina com aqueles que estão fora desse grupo, aumenta na comunidade a importância de intensificar a prática do amor fraterno e solidário que une os membros do grupo. Sendo assim, enfatiza-se o mandamento do amor em várias passagens (13,34-35; 14,15-21.23; 15,10.12; 1Jo 2,3-4.7-8; 3,11.23; 4,7-12.16-21; 5,1-3).

Sobre esse assunto, E. Boring afirma que:

> Pelo tempo de 1Jo, a comunidade joanina já tinha se tornado em dois grupos distintos e hostis; o autor se lembra e trata do cisma nós/eles: usualmente, "eles" costumavam fazer parte de "nós". O desenvolvimento das afirmações cristológicas da comunidade se tornam unilateralmente extremas. Interagindo com ideais protognósticas, e com mestres cristãos que já tinham interpretado Jesus nas categorias gnóstico-docética, alguns na comunidade começaram a entender a divindade de Cristo de uma forma que comprometia sua verdadeira humanidade (BORING, 2016, p. 1138).

À medida que a comunidade joanina cresce na intimidade com Jesus, desenvolve sua cristologia e reflete o tipo de fé que veio ser aceita pelos cristãos

joaninos da época. Com a práxis comunitária, aumentam também os conflitos internos e externos. Os conflitos com os de fora da comunidade serão tratados na próxima seção a partir da metáfora do Cego de nascença.

3 "Como te foram abertos os olhos?" (Jo 9,10)

A pergunta "Como te foram abertos os olhos?" (Jo 9,10) nasce do espanto gerado pela cura de um cego de nascença. Mas, para compreendermos como nasce essa pergunta faz-se necessário olhar o entorno do chamado sexto sinal de Jesus presente no Quarto Evangelho. Que mensagem o autor do texto deseja emitir a seu leitor a partir do longo diálogo entre o cego curado e as autoridades do judaísmo? O que gerou a expulsão do cego da Sinagoga? E ainda: como e para que seus olhos foram abertos?

É preciso lembrar que depois da destruição do Templo (70 d.C.), um grupo de fariseus encabeçam um projeto de restauração do judaísmo. Nasce, então, o judaísmo formativo que centraliza a Lei em seu contexto farisaico e deuteronomista. Depois, fechados em sua ortodoxia, esses fariseus exaltavam a Torá como manifestação última e definitiva da vontade de Deus. A Torá era chamada vida, luz, sabedoria de Deus vinda ao meio dos homens (FABRIS; MAGGIONI, 2006, p. 265).

Essa postura se reflete claramente na oposição que fazem aos cristãos por apresentar Jesus como realização das promessas messiânicas de Deus. Diante dos conflitos entre os cristãos e os "judeus" (a rigor, as autoridades do judaísmo) nos anos 90 d.C., o autor do Quarto Evangelho faz surgir a figura tipológica do cego de nascença, a partir da narrativa de um fato ocorrido no horizonte dos anos 30 d.C, agora projetado para o ano 90 d.C. O autor se refere aos opositores de Jesus, os judeus, como sendo os mesmos que perseguiam a comunidade joanina. O vocabulário do tempo do evangelista foi transposto para o tempo do ministério de Jesus (BROWN, 1999, p. 42).

O evangelista, ao narrar, no capítulo 9 de seu escrito, o acontecido ao cego de nascença que recuperou a vista depois de se lavar nas águas de Siloé (o nome é interpretado como "o enviado" uma designação joanina de Jesus) (BEUTLER, 2015, p.

246), faz transparecer uma primorosa obra de arte da narrativa dramática joanina, elaborada minuciosamente, rica em detalhes que se revelam como uma fotografia.

Jesus abre os olhos de um cego de nascença, que, no início do relato despertara nos discípulos o questionamento acerca de quem pecou para que ele nascesse cego: ele ou seus genitores? (Jo 9,2). Ao responder a seus discípulos, Jesus afirma: "Enquanto estou no mundo, sou eu a luz do mundo" (Jo 9,5). A seguir, Jesus fez lama com a saliva e coloca nos olhos do homem e manda que vá se lavar na piscina de Siloé. E, os leitores do Evangelho são informados, no v. 7, de que "Ele foi, lavou-se e voltou vendo".

Esse acontecimento gera um espanto por parte de seus conhecidos, que põem-se a interrogá-lo (Jo 9,8-12). E o homem que era cego, conta como aconteceu. A seguir, o ex-cego fora levado aos fariseus, que também o interrogam sobre como passara a ver. E o homem lhes responde descrevendo o que lhe havia acontecido. É nesse ponto da narrativa, observa Malzoni, que o evangelista introduz a informação de que era sábado (2018, p.181). E, no v. 16, há uma clara divisão entre os fariseus. Alguns afirmam: "Este homem não vem de Deus, uma vez que não guarda o sábado"; outros suspeitam: "Como pode um homem pecador fazer tais sinais?". "E houve uma divisão entre eles", conclui o evangelista. E, ao insistir com aquele que era cego sobre o que dizia do homem que lhe abrira os olhos, ele responde: "É um profeta" (Jo 9,17).

O relato segue com o interrogatório dos genitores do homem que era cego. No v. 22, é dito que os genitores tinham medo dos judeus, pois já era certo que se alguém confessasse Jesus como Cristo seria expulso da sinagoga. Os fariseus voltam a interrogar o homem que era cego. Nesta altura da narrativa, já não divisão entre os fariseus, a uma só voz dizem: "Sabemos que este homem [Jesus] é pecador" (Jo 9,24). O ex-cego, no entanto, toma a defesa de Jesus dizendo, inicialmente: "Se é pecador, eu não sei. Uma coisa eu sei: que eu era cego e agora vejo" (Jo 9, 25); e depois: "Nunca se tinha ouvido falar que alguém tivesse aberto os olhos de um cego de nascença. Se ele não viesse de Deus nada poderia fazer" (Jo 9,33). E os fariseus, reprovando o fato de que o cego pretendesse ensiná-los algo, expulsam-no dali.

Em Jo 9,35, Jesus torna a aparecer na narrativa e ao reencontrar o homem

que fora cego, Jesus pergunta: "Crês no Filho do Homem?", a que o ex-cego responde de forma simples e sincera: "Quem é, senhor, para que eu creia nele? (Jo 9, 36). Jesus, por sua vez, revela-se: "Tu o vês. É aquele que fala contigo. Malzoni observa que essa sentença é uma recordação do que Jesus fizera em seu favor e uma referência a que Jesus acolhe aquele que havia sido expulso pelas autoridades judaicas (2018, p. 184). E aquele que antes era cego, prostra-se diante de Jesus (cf. Jo 9,38).

A conclusão da perícope se dá com uma declaração de Jesus retomando o assunto que inaugura a narrativa, porém como uma novo olhar sobre o vínculo entre cegueira e pecado. Desta vez, não se trata da cegueira física, mas naquela que se fecha à ação de Deus em Jesus (MALZONI, 2018, p. 184).

Nos passos de um drama vivido por um cego nato, interrogado de forma hostil e expulso da sinagoga, a comunidade encontra, nesse porta-voz, o protótipo para narrar o seu padecer e as tribulações vividas ao confessar sua fé em Jesus, o Cristo. O autor do Evangelho segundo João não quer apenas mostrar a importância do triunfo da luz sobre as trevas (Jo 9,3-5), mas também facilitar a compreensão de algo mais profundo: o seguimento radical a Jesus leva o discípulo a amar, doar-se e até defender seu Mestre na hora da perseguição (KONINGS, 2017, p. 276). Sua adesão a Jesus é como a abertura dos olhos de um cego de nascença.

Considerações finais

Na comunidade joanina, excluída e perseguida, a narrativa do cego nato é construída. O narrador conduz o leitor com maestria a mergulhar no contexto das comunidades joaninas do final do primeiro século e vê, no processo de cura do cego, a caminhada de fé da comunidade em Jesus. O crescimento é progressivo e perceptível em cada resposta do cego ao ser interrogado pelas autoridades judaicas: "um homem chamado Jesus" (9,11); "um profeta" (9,17).

O ex-cego experimenta em Jesus o amor transformador, que humaniza, liberta e salva. A comunidade em meio aos conflitos descobre em Jesus morto e crucificado, o Filho do Homem, e o reconhece como Filho do Homem exaltado e glorificado (BEUTLER, 2015, p. 244). Aquele que antes era cego, agora, tendo os

olhos abertos, pode professar: "Creio, Senhor" (Jo 9,38).

O cerne da narração da abertura dos olhos do cego de nascença está ligado à decisão radical da comunidade joanina de crer e confessar, mesmo nos conflitos e tribulações, a fé em Jesus, o Filho do Homem.

Referências

A Bíblia: Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2015.

BEUTLER, Johannes. **Evangelho segundo João**: comentário [tradução Johan Konings]. São Paulo: Loyola, 2015.

MALZONI, Claudio Vianney. **Evangelho segundo João**. São Paulo: Paulinas, 2018.

BORING, Eugene M. **Introdução ao Novo Testamento 2**: cartas católicas, sinóticos e escritos joaninos. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2015.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos II**. São Paulo. Ed. Loyola, 2006.

PIRES, Dionivaldo. Os judeus no Quarto Evangelho. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 25, n. 3, p. 341-351, jul/set. 2015.

BROWN, Raymond Edward. **A comunidade do discípulo amado** [tradução Euclides Carneiro da Silva]. São Paulo. Paulus,1999.

KONINGS, Johan. **O Evangelho de João**: amor e fidelidade. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

KUMMEL, Werner Georg. **Introdução ao Novo Testamento** [tradução Paulo Feine e Johannes Behm]. São Paulo: Paulus, 1982.